

= Escrito nas Sombras =
Os Espíritos do Sabbath

Rafael Ramus



www.biblioteca24horas.com.br

Meu Daniel. Meu sim. E apenas meu.

Eu tenho assistido a cada passo seu. Eu estava ao seu lado a cada pesadelo que você tinha quando criança, e você não me via. Eu permiti que você seguisse viagem. Mais de uma vez. Eu já estava lá antes de você nascer. Eu acolhi o seu avô quando ele mais precisou; eu estava lá quando ele teve que se reconciliar com o seu passado nazista. Eu abençoei a sua família quando ela mais precisava de ajuda. E você me retribuiu assim, com ódio e rancor. É uma pena que você não tenha entendido.

É uma pena...

E agora eu invado o seu sonho mais uma vez em busca de reconciliação. E você quer que seja a última...

Dividido em dois tomos, o livro narra a jornada do jovem Daniel por um mundo macabro, cheio de pesadelos e distorções espaciais e temporais. Um mundo de cartas marcadas, em que a Era dos Sonhos pode ser tão ou mais concreta do que a própria realidade...

Escrito nas Sombras

Os Espíritos do Sabbath

um livro de Rafael Ramus

Benefício adicional
via internet.
Vide página 3.

ISBN: 9788541609524



9 788541 609524

BIBLIOTECA
24horas

www.biblioteca24horas.com.br

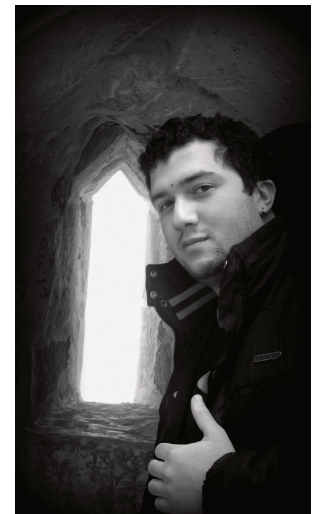
Sinopse

O livro é dividido em duas partes. Na primeira parte conhecemos Daniel, um jovem atormentado por terrores noturnos e aparentes ataques de sonambulismo que vê sua família desmoronando. Sua irmã está internada e nada parece estar bem. Assim começa a jornada de Daniel em busca de dias melhores...

O segundo tomo se passa cerca de dez anos após os eventos do primeiro. Daniel agora vive em um outro país e se vê envolvido nos mistérios de um grupo de homens poderosos. Aos poucos, os eventos do presente e do passado vão se conectando, e Daniel se vê vítima e algoz. Por fim, ele se vê agente de um destino que sequer sabe se traçou...

...

O Autor



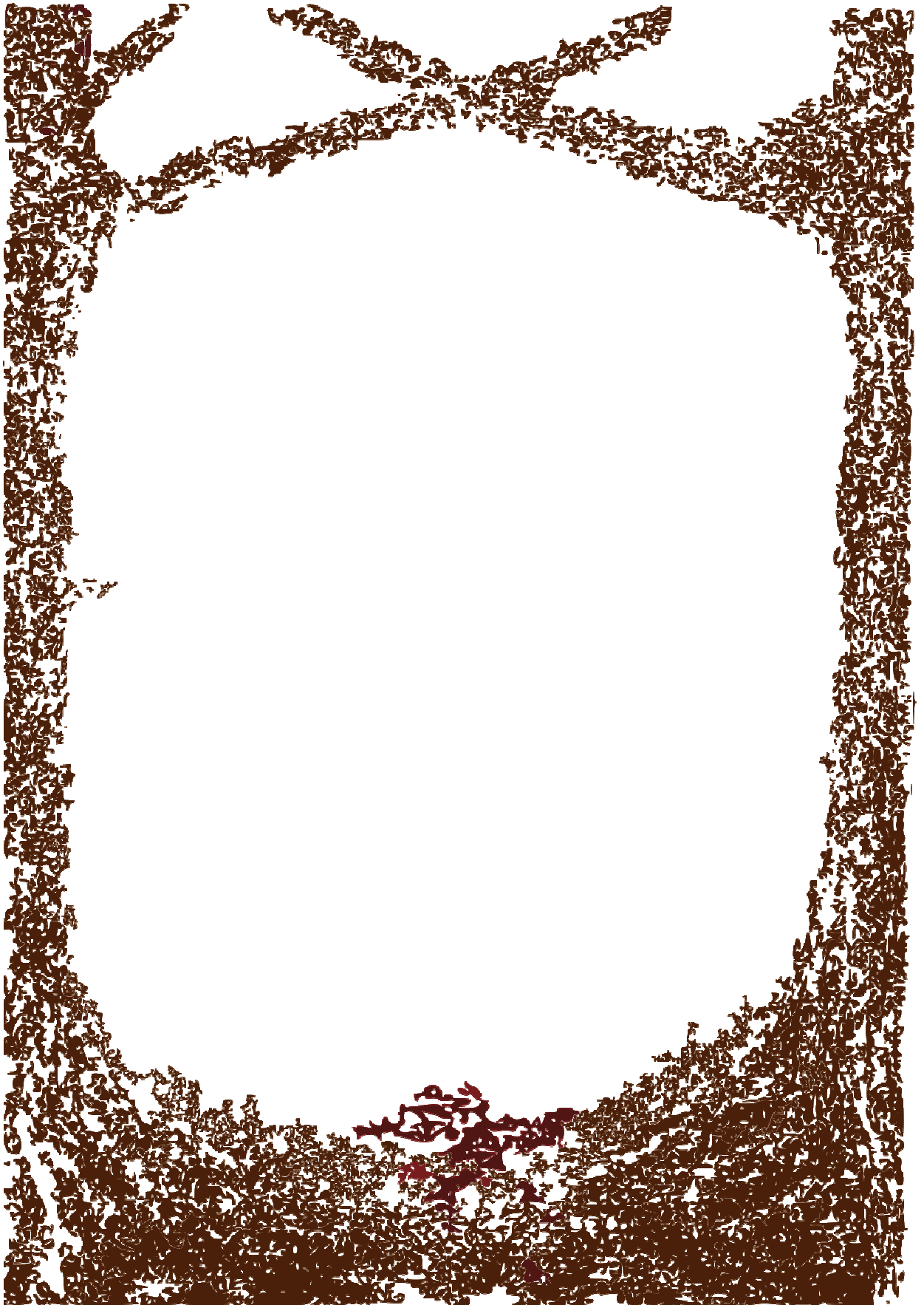
Rafael Ramus é contabilista e bacharel em Letras pela USP. Descobriu cedo o amor pela escrita, ao qual vem se dedicando nos últimos anos. Este é o seu primeiro projeto concluído, de muitos iniciados. Seu maior desejo é que esse livro proporcione a você, leitor, boas horas de lazer. Tenha uma boa leitura!

Visite o site do livro: www.escritonassombras.com

Rafael Ramus



Edição Promocional
Primeiras Páginas



... a todos que me apoiaram nesta empreitada.

Escrito nas Sombras:

Os Espíritos do Sabbath

Sumário

(...)

<i>Sinopse</i>	366
<i>Sobre o Autor</i>	366

Tomo I – O Dom Infante

<i>Préfacio do Tomo I</i>	13
<i>Capítulo 1 – Terrores Noturnos</i>	15
<i>Capítulo 2 – A Guerra dos Duendes</i>	23
<i>Capítulo 3 – Espaço Descontínuo</i>	29
<i>Capítulo 4 – A Visita</i>	37
<i>Capítulo 5 – As Fases</i>	47
<i>Capítulo 6 – Seancé</i>	53
<i>Capítulo 7 – Hypnos</i>	61
<i>Capítulo 8 – Brainstorm</i>	73
<i>Capítulo 9 – Platão</i>	83
<i>Capítulo 10 – O Dia</i>	91
<i>Capítulo 11 – O Mentor</i>	101
<i>Capítulo 12 – A Noite</i>	115
<i>Capítulo 13 – Noite de Vigília</i>	121
<i>Epílogo do Tomo I</i>	123

Tomo II – Às Margens Plácidas

<i>Préfacio do Tomo II</i>	127
<i>Prólogo – A Ilha</i>	129
<i>Capítulo 1 – Através do Espelho</i>	139
<i>Capítulo 2 – Aziago</i>	153
<i>Capítulo 3 – Todschalk</i>	167
<i>Capítulo 4 – Edelweiss</i>	187
<i>Capítulo 5 - Adal Wolf</i>	193
<i>Capítulo 6 – Viver é Deixar Morrer</i>	207
<i>Capítulo 7 – Casamento Real</i>	225
- <i>Lado A – As Eras (Parte 1)</i>	228
- <i>Lado A – As Eras (Parte 2)</i>	230
- <i>Como esses símbolos foram concebidos</i>	232
- <i>O que os signos nos dizem</i>	233
- <i>Lado B – O Casamento (Parte 1)</i>	237
<i>Capítulo 8 – Eflúvio</i>	241
<i>Capítulo 9 – Funeral Para Um Sonho</i>	243
<i>Capítulo 10 – Pecado dos Pais</i>	247
- <i>Humana Lança</i>	250
<i>Capítulo 11 - In Taberna</i>	257
<i>Capítulo 12 - A Tenda de Najara</i>	265
<i>Capítulo 13 - A Montanha Fantasma</i>	279

Capítulo 14 - Nadir	283
Capítulo 15 - Dona Rosa	289
Capítulo 16: Osiris – Líbera – Luso	293
- <i>Uma situação peculiar</i>	295
Capítulo 17 - Camila	297
Capítulo 18 - Baile Sem Máscaras	299
- <i>They Come</i>	301
Capítulo 19 - Vulpinos Planos	317
Capítulo 20 - Madrugada dos Mortos	327
☠	341
- <i>Der Geist Gottes</i>	345
Capítulo 21 - A Dança das Sombras	347
Capítulo 22 - Mausoléu da Independência	351
- <i>Independência ou Morte!</i>	357
Epílogo do Tomo II	359
Posfácio do Tomo II	361
...	
Sinopse e Autor	366



Tomo I

O Dom Infante



Prefacio do Tomo I

“Ainda que eu não soubesse diferenciar em uma sentença o substantivo do sujeito, nada tornaria o meu dizer oblíquo, tampouco o privaria dos bons predicados.”

Esse foi o único trecho do prefácio original que sobreviveu até o último corte, e o deixo viver mais pelo registro histórico do que por que ele tem alguma utilidade. Muito mudou no meu estilo desde que eu sentei em frente ao caderno pela primeira vez para escrever essa história.

Tudo começou com um exercício de escrita. Um fato curioso é que os dois primeiros capítulos que eu escrevi para esse livro foram inicialmente cortados, depois alterados e, finalmente, adaptados para o segundo tomo. A saber: são os capítulos “Através do Espelho” e “Pecado dos Pais”. O exercício consistia em descrever o mundo à minha volta, sem exageros e sem a intromissão da imaginação. Seria uma homenagem ao meu cotidiano e à minha família, e nada mais. Eis que, enquanto eu escrevia o que hoje está no capítulo 10 do segundo tomo, uma nova história foi surgindo e, daquela pequena fagulha, todas as demais ideias acabaram surgindo.

Outro fato que eu considero relevante é que o Tomo 1 era bem maior inicialmente; conforme o Tomo 2 e a mitologia que envolve os dois livros iam crescendo, elementos iam saindo e ganhando vida própria.

Tudo o que eu desenvolvi nesse livro vai de encontro com tudo o que eu tinha escrito antes dele. Aos poucos todas as minhas veias fantásticas e minhas reflexões mais oníricas acabaram fazendo ao menos uma ponta em algum lugar do livro.

O que eu pretendo com esse primeiro tomo é familiarizar o leitor aos poucos com um universo literário que se expandiu consideravelmente e que, ao menos para este que vos narra, se mostrou surpreendentemente rico.

Espero que você, meu caro leitor, minha cara leitora, sinta após ter lido as páginas desse livro, que a experiência tenha valido a pena, ainda que para um breve momento de diversão e, quem sabe, até de reflexão.

...

Rafael Ramus

São Paulo, 11 de maio de 2006.

(Revisto dia 26 de setembro de 2014)

Capítulo 1 : Terrores Noturnos

- Acho que agora ele se acalmou – disse Adão.

- Que bom. O que a gente faz, doutor? – perguntou Ana.

Eles falavam do pequeno Daniel, o filho mais novo do casal. Achavam a princípio que ele queria apenas chamar a atenção, e com razão; não havia mais um dia de sossego naquela casa. A família estava desmoronando rapidamente, e eles estavam completamente perdidos. Não, seus filhos estavam perdidos – pensavam eles.

- Ele certamente está sofrendo com terrores noturnos e sonambulismo. Não acho que tenha relação alguma com a febre.

Eles já tinham perdido a conta de quantas vezes o filho tinha tido episódios como aquele. Antes, no entanto, os episódios eram espaçados; agora, aconteciam várias vezes durante a semana. Não só isso, mas os episódios estavam ficando cada vez mais bizarros. Dias antes o pequeno Daniel tinha ido até a sala, ligado a televisão, deixado em um canal cuja programação era apenas estática, e então começou a gritar. Berrava com enorme desespero, pedia socorro. E depois acordava sem força, sem fome, e muitas vezes, com febre. Dessa vez não tinha sido diferente, mas com um agravante: ele deixara marcas diversas no braço. Feitas com suas próprias unhas e dentes, certamente. Mais uma coisa para pais já tão preocupados.

Não foi fácil obter ajuda. Médicos não costumam visitar pacientes na cidade de São Paulo. Ana evitou até onde pôde, mas acabou abrindo o jogo com o pai, Alfred, que não morava no Brasil, mas conseguiu arrumar um médico disposto a ajudar em plena madrugada.

- Ah, o garotão está acordando! Tudo bem, Daniel?

- Daniel, esse é o doutor Thomas, é um amigo do vô.

- Ele veio ver a Mari?

- Não, Daniel. Ele veio ver você – explicou Adão.

- Eu? Mas eu não estou doente!

- Você teve mais um daqueles pesadelos. Você não se lembra de nada? – perguntou o pai.

- Ah sim! Tinha um cachorro no quarto e ele queria me morder!

- É, mas olha pro seu braço!

Foi só então que Daniel viu aquelas marcas.

- Eu acho que essa conversa pode ficar para depois, – interrompeu o médico, – o mais importante agora é o garoto descansar, e bem.

- Olha, muito obrigada, doutor. Não sei nem como agradecer – disse Ana.

- Não precisa agradecer! É sempre um prazer ajudar um grande amigo. Seu pai é muito querido, ajudou muita gente.

- E a Mari, mãe, como ela está? – perguntou Daniel, preocupado.

- Descansa, filhão. Depois a gente fala disso.

...

O cachorro era apenas uma pequena parte do pesadelo. Daniel se lembrava de muitos outros detalhes do sonho. Como poderia esquecê-los? Já os havia sonhado tantas outras vezes!

Mas os contaria numa outra hora. Realmente estava cansado agora.

...

Daniel abriu os olhos. A luz do sol entrava forte pela janela do quarto, encobrendo a tela do rádio relógio. Ainda cambaleando de sono, o menino seguiu pelo corredor que dava acesso aos outros cômodos da casa. Era uma casa térrea, e seu quarto era o último, cuja janela dava para o quintal. Moravam ali ele, sua irmã Mariana, sua mãe Ana, e Adão, seu pai. Podia ouvir o tilintar das vasilhas que vinha da cozinha; se sua mãe já preparava o almoço, então já era quase meio dia.

A mesa já estava posta, exceto por um pedaço onde estavam o jornal desarrumado e um jogo de damas que já havia sido jogado. Daniel deduziu, pela posição das pedras negras, que seu pai tinha perdido novamente. Seu pai estava ali, imerso na seção de esportes do jornal; desviava às vezes sua atenção para ver o que estava passando na TV, inutilmente ligada quase o tempo todo. Daniel sentou-se, arrumando as peças.

- Mãe, você joga comigo depois?

- Jogo sim, filho – respondeu a mãe da cozinha. Seu pai nunca jogava com ele. Daniel supunha que Adão não se sentia bem em perder para o filho tão pequeno.

- Dormiu bem, Daniel? – perguntou o pai.

- Dormi sim!

Ana lhe trazia um copinho de leite com chocolate. Não lhe daria muito de comer, já era quase hora do almoço. Ela gostava desse

costume, o de almoçar. E o de cochilar depois do almoço. Alfred, seu pai, era avesso a ambas as práticas, lembrava ela sempre. Daniel também gostava mais do café da manhã – se contentaria com um pouco de chá, um suco e um pão francês com queijo mineiro, azeite e tomate. Não gostava de dormir até tarde porque acabava perdendo o café da manhã. Quem gosta de arroz e feijão no desjejum?

- Você vai jogar bola hoje, pai?

- Vou sim. É sábado, hoje é dia.

- Posso ir junto?

- Claro! Estou vendo que você acordou disposto hoje!

Daniel observava sua mãe que levava o almoço à mesa. Contou os pratos enquanto ela os servia e deu falta de um.

- E a Mari? Ela não vai almoçar?

Adão voltou sua atenção ao jornal, como se estivesse tão entretido que nem sequer tinha ouvido a pergunta. Ana, por sua vez, respirou fundo, terminou de arrumar a mesa e retomou o assunto apenas depois de sentar.

- A sua irmã está internada. Ela não anda bem, ela está doente.

- Da cabeça, não é? Foi por isso que o doutor estava aqui ontem, não é? Ele não viria só porque eu estou tendo pesadelos.

- É, ela está um pouco desorientada – respondeu Ana.

- É por isso que vocês brigam tanto. Espero que ela melhore.

- Semana que vem nós te levamos para uma visita. Ela está passando por um momento difícil que há de passar – afirmou Ana como que para si mesma.

- Bom, vamos comer? Você tem que estar forte para jogar bem – disse Adão enquanto fechava o jornal.

...

Daniel temia a hora de dormir. Não queria trazer mais problemas para os pais. Sua mãe insistia que ele fosse dormir junto com ela, isso quando ela mesma não acaba dormindo em sua cama – o que claramente desagradava a Adão. Daniel relutava em aceitar a companhia da mãe. Sabia que não estava bem, e sabia que seus pais já tinham muito com o que se preocupar.

As luzes do abajur iam ficando cada vez mais distantes, e a escuridão do quarto se avermelhava a cada piscada. Daniel olhava pela janela. As folhas davam voltas guiadas pelo vento, e as roupas voavam falsamente no varal. Outra piscada. Daniel pensou ter visto, entre uma piscada e outra, um cachorro no quintal. Às vezes ele parecia branco,

às vezes preto, às vezes nem branco e nem preto. Sabia que ele era grande e feroz, mas nada mais sabia. Não podia olhar para fora novamente, então fechou a janela. Suas cortinas paravam de se mover, e o quarto ficou ainda mais escuro. E mais vermelho. E ainda mais escuro. Daniel não sabia se aquelas eram sombras que se moviam ou se eram seus olhos que lhe pregavam peças.

E piscava, e pescava, e sonhava e acordava.

Uma hora.

Duas horas.

Três horas.

Não podia desapontar sua mãe que não deixava o seu lado, tampouco acabar com o descanso do pai, que tanto trabalhava para trazer o pão de cada dia.

Quatro horas.

E então ele dormia, desmaiado de tanto sono. Acordar era cada vez mais difícil, mas ele nunca se atrasava para a escola, graças aos esforços de Ana e à direção agressiva de Adão, que se desviava do caminho para o serviço para deixar o pequeno. Os abraços estavam cada vez mais apertados, mais fortes e demorados.

E assistir as aulas estava ficando cada vez mais difícil.

...

Agora Daniel passava as horas antes do intervalo completamente sonolento, para o desespero dos seus professores e educadores. Uma das monitoras, Mirian, ficava realmente nervosa. Era bem mais fácil ficar acordado durante o intervalo – assim dita a lógica. Crianças correndo para todo lado, muito falatório, muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Daniel se dava bem com os garotos de sua turma. Também pudera: fazia judô e caratê, além de ser mais alto que boa parte dos seus colegas de classe. Também levava jeito com as meninas, embora não soubesse bem o que estava fazendo durante a maior parte do tempo. Era o início dos anos noventa e não se esperava nem de pré-adolescentes que eles tivessem qualquer interesse verdadeiro no sexo oposto, e Daniel ainda não era nem bem um pré-adolescente.

Daniel nunca tinha reparado naquele garotinho antes, mas com tudo o que estava passando, não podia deixar de fazê-lo agora. Ele estava sempre caindo de sono mesmo durante o intervalo. Passava o intervalo todo no mesmo canto, hora dormindo, hora dando bocados em seu lanche. Sempre tinha também um livro junto consigo, mas raramente

conseguia ler alguma coisa. Seus olhos castanhos estavam sempre escondidos.

E as coisas não eram mesmo fáceis para aquele garotinho, e aquele não seria um dia atípico em sua vida. Ele estava abraçado à sua lancheira quando três garotos, todos maiores que ele, resolveram azucriná-lo. Entre tapas e puxões, acabaram pegando sua lancheira e, a partir de então, usavam-na como uma bola de baseball: jogavam-na de um lado para o outro, fazendo o garotinho de bobinho. Vez ou outra algum deles abria a lancheira e pegava alguma coisa que tinha dentro. “Credo! É pão com ovo” ria um deles. O outro comia a maçã vorazmente. Daniel caminhava para dar um fim naquilo quando um outro rapazinho, de cabelos castanhos, lisos e um tanto compridos, se intrometeu:

- Deixem o moleque, coitado. A quadra tá livre, *pow*.

- Falou o defensor dos frascos e comprimidos.

- Fica quieto aí, Tiago – respondeu o garoto que então perguntou para um outro, que Daniel julgou ser o líder do bando ou algo assim: – Vai jogar ou não vai?

- Vamos lá vai. Mas você trouxe a bola, Lucas?

- Por que você acha que eu tô falando, ô abestalhado?

E lá foram os três, rindo em direção à quadra. Não sem antes jogarem o pão e a lancheira no chão. Jogariam a maçã também, não tivesse o tal Tiago engolido até os seus caroços.

Daniel ajudou o garoto a pegar suas coisas. “O Senhor dos Anéis”, de J.R.R. Tolkien, era o livro que ele lia – e a versão traduzida por António Rocha e Alberto Monjardim, a melhor já lançada até então.

- Meu nome é Eleazar, prazer.

- Prazer. O meu nome é Daniel. Aqui, pega aí – disse Daniel ao oferecer alguns gomos da mexerica que comia.

- Quem eram aqueles?

- Eram orcs, o que mais seriam? – brincou o garoto.

- Covardes, isso sim! – indignou-se Daniel.

- Não se preocupe, eu ainda vou dar uma lição neles. O Tiago e o Jorge são umas bestas, fazem tudo que o Raul manda fazer. O outro que você viu é o Lucas, que é mais folgado ainda que os três, mas nunca mexeu comigo. O que me preocupa é que a Renê estava vendo. Tadinha, ela fica sempre tão aflita! Eu sempre peço pra ela não se intrometer. Agora ela vai direto contar pra professora. É melhor assim.

- Quem é ela?

- Minha amiga, a Renê. Minha mãe diz que eu tenho uma paixonite por ela. Eu só não gosto que ela me veja apanhando, é só isso.

- Sei como é isso.
- Sabe?
- Não, na verdade não – riu Daniel. Eleazar também riu.

Já era hora de voltar, cada um para a sua classe. Mas aí teve início uma amizade que duraria todo o ano letivo e mais. Eles passavam os intervalos juntos agora, o que assustou de início os três orcs, como eles os chamavam a partir de agora. Conversavam sobre histórias em quadrinhos e desenhos animados. E o triste fato de que tais desenhos passavam mais de manhã do que à tarde – e eles ainda estudavam no período matutino.

E assim a semana passou. Em casa, o clima predominante era o silêncio. As noites eram densas e frias, e a sensação era terrível. Daniel demorava a dormir e, em compensação, não tinha pesadelos terríveis como os de antes.

...

Era madrugada de sexta para sábado. Daniel não contava com aquilo: não tinha que acordar cedo, e estava tão cansado! A madrugada começou com a mesma escuridão, o mesmo ar pesado, as mesmas rajadas de vento. Aquilo lembrava a descrição de miasma que Daniel vira uma vez em uma história, não lembrava mais qual. Era uma história grega, que falava de uma energia que irradiava de alguém que estava amaldiçoado. A própria energia tinha vontade própria, e só podia ser dissipada quando seu vetor original fosse destruído, geralmente através de um sacrifício para os deuses. Aquela não era uma coisa boa para se pensar. Mas o que seria bom para se pensar naquela hora?

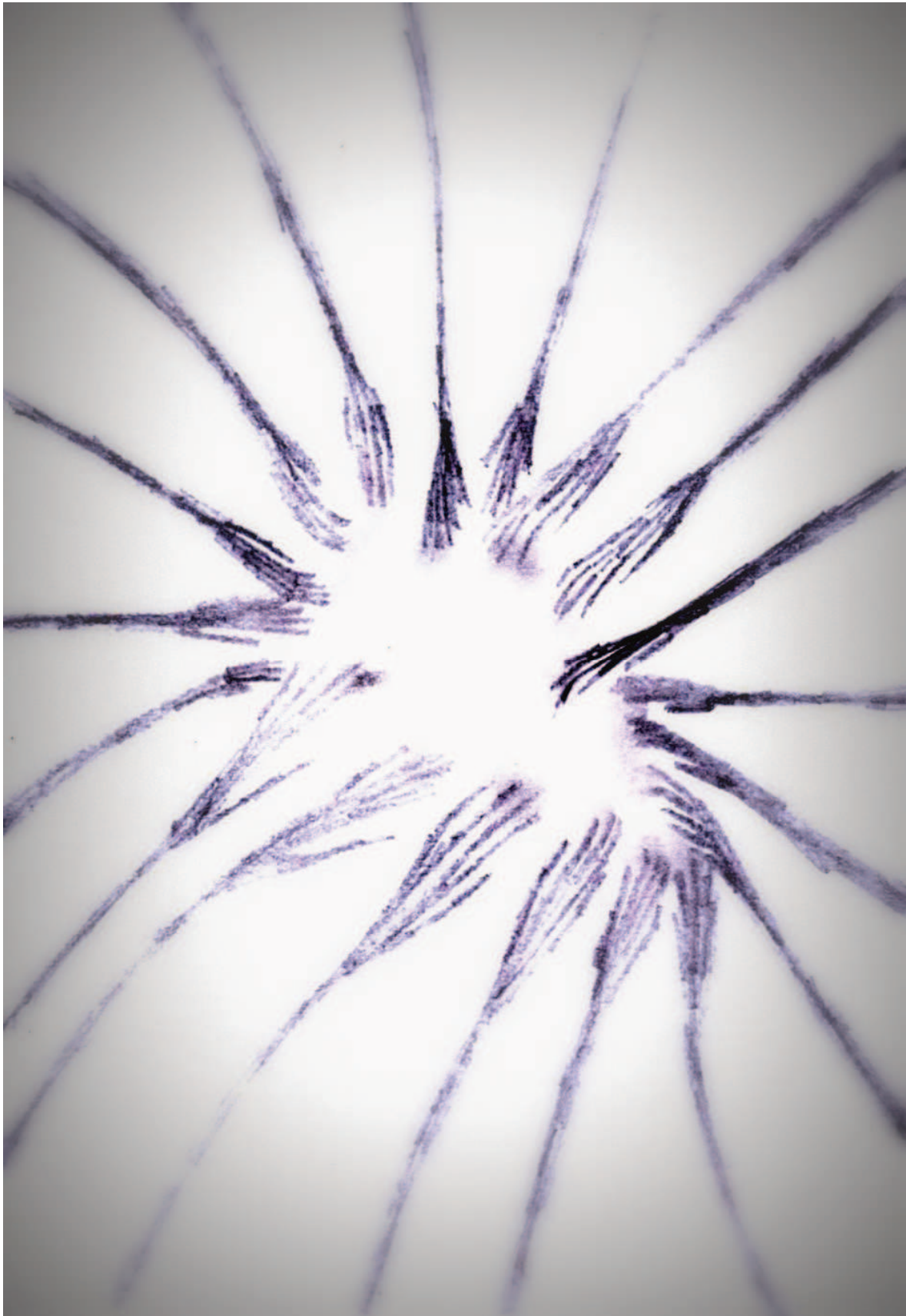
E então começou. As paredes e o teto começavam a rachar, e diferentes tons do escuro pareciam escrever em uma língua estranha. Vozes começavam a sussurrar coisas que Daniel não entendia, palavras que ele não conseguia pronunciar. Então ele sentia como se mãos frias tocassem o seu corpo, todo ele. Ele tentava se mexer, tentava se levantar, procurava forças para gritar, mas não as encontrava, não conseguia. Então a luz se intensificava, e ele estava de volta àquele lugar medonho. Sentia seu corpo ser invadido. Tentava olhar para os lados, mas não conseguia. Estava imobilizado. Chegava a ver algo passando rapidamente por seus olhos, uma rápida sombra em meio à luz cegante. Um braço talvez?

E então tudo ficava escuro de novo, e as inscrições estavam mais nítidas. E Daniel queria pedir socorro, e lembrava-se de Deus, e

tentava rezar como lhe fora ensinado. As vozes estavam ainda mais altas, ensurdecedoras. Ouvia o som dos cachorros que arranhavam a janela. E rosnavam. E ouriçavam as outras coisas que estavam no quarto. Não suportava o cheiro do próprio suor e da própria urina. E a dor se intensificava, até ficar insuportável. E a dor queimava ainda mais.

E então o grito veio.

(...)



Capítulo 2: A Guerra dos Duendes

Mariana estava sentada em um banco da área de lazer. Recebia também a visita de uma amiga de nome Viviane, que os pais nunca tinham visto antes. Ela estava claramente dopada, mas respondia às perguntas que lhe eram feitas com certo entusiasmo.

- Não fica assim, mamãe... Eu estou bem! – dizia ela sempre que os olhos de Ana lacrimejavam. Os médicos haviam solicitado que ela tentasse disfarçar o sofrimento o máximo que conseguisse. Quanto menos melodramas, melhor. Ana bem que tentava.

- Eu sei que está, filhinha! Você entende que é pro seu próprio bem, não entende?

- Entendo, mamãe. Às vezes eu passo muito mal, mas sei que preciso sair dessa. Vai dar tudo certo.

Daniel ficava a maior parte do tempo longe da vista das garotas. Não queria fazer parte da conversa.

- Mãe, posso te pedir um favor?

- Claro, filha!

- Busca um fresco pra mim? Pode ser qualquer coisa.

- Tá, eu já volto. Você fica aqui, Daniel?

- Uhum. Pode ir.

- Volta logo.

Mariana e Viviane observaram atentamente a caminhada de Ana. Ela ainda estava na vista quando Mariana quebrou o silêncio. Ignorava a presença de Daniel.

- Puta merda, Vivi! – disse Mariana ao colocar a mão na testa.

- Meu! Que vacilo, Mari! Quê que aconteceu?

- Meu pai pegou, não sei como!

- Que vacilo, amiga!

- Agora tem que aguentar, né – disse Mari com um muxoxo.

- Não rola nada, nem um pouco?

- Ah, às vezes eles descolam alguma coisa, mas é pouco. Pior que dá mais vontade ainda! Eu tô fazendo qualquer coisa viu – elas riram. Daniel não entendia nada do que elas estavam falando.

- Bem que o amigo do papai lá podia fazer uma visitinha também, né não? – ponderou Viviane.

- Pois é! Mas você acha, mamãe tá marcando em cima!

- Eu vi! Não sei nem como ela aceitou ir buscar qualquer coisa...

- É. Ai Vivi, mas eu tô com muita vontade. Sabe aquela vontade? De ser livre, de fazer as coisas sem pensar, daquela sensação muito louca que dá, de delírio.

- Ixi, tá mal heim amiga.

- Tô viu. Meu, da próxima vez eu vou puxar com tanta vontade que vou até ver duende, você vai ver!

Ana voltava naquele momento, e as meninas pararam de falar imediatamente. Daniel estava intrigado. Sua irmã via duendes? E ela estava delirando? O que estava acontecendo? Será que aquele era o seu destino também?

...

- Muito obrigado por nos receber, doutor.

- Não precisa agradecer, eu preciso mesmo falar com você. E como vai o menino aí? Você gosta de palavras-cruzadas? Aí nesse cesto tem quadrinhos, palavras-cruzadas, revista de tudo quanto é tipo... fica à vontade, viu?

- Pode deixar.

- Vamos entrando, dona Ana.

- Eu já volto, filho.

...

- Você pode entrar aqui um pouquinho, Daniel?

- Claro.

Daniel entrou na sala do doutor Thomas. Não era toda branca, era até que bem decorada, o que já era uma boa coisa. Daniel não gostava de consultórios médicos. Eram sempre vazios e decorados com limpeza e doença. Mas não aquele. Era cheio de coisas, e a mesa estava cheia de papéis. Lembrava mais o escritório do pai do que qualquer outra coisa.

- Sua mãe me disse que você anda com problemas para dormir.

- É, um pouco.

- Isso te incomoda? Você quer a minha ajuda? Quero uma resposta sincera.

- Uhum – disse Daniel, que se arrependeu logo em seguida – o senhor vai me internar também?

- Não, claro que não – riu o doutor.

- Ah. Então eu acho que eu quero.

- Então tá. Eu vou te encaminhar para um amigo meu, ele é muito bom e ele estuda essas coisas. É uma área que ainda está engatinhando, mas ele é muito, muito bom.

O doutor entregou um cartãozinho para Ana, que agradeceu, e uma bala para Daniel, que a guardou no bolso. Não sabia se devia comentar algo sobre os duendes, mas decidiu que tinha tempo para pensar nisso ainda. Daniel já era, desde então, um pequeno homem de ações e decisões.

...

- O azarento está de namoradinho novo! – disse um dos três orcs. Daniel se levantou. Não estava de muito bom humor.

- Agora podemos nos juntar a vocês. Vai ser a gangue das cinco.

- Ih, é nervosa a menina! – disse Tiago.

- Vamos, o Lucas trouxe a bola hoje – disse Raul.

- Sério – disse Jorge – eu nem vi ele hoje ainda!

- Eu tô falando, não tô falando? – enfureceu-se Raul. E os três foram.

- Eu acho – disse Eleazar – que eles tem medo de você. Eles não mexem comigo quando você está por perto.

- A Renê também não chega perto.

- Acho que ela fica tímida. Bom, mas eu trouxe os livros que você tinha pedido.

- Ótimo. Vamos ver.

- Aqui está – disse Eleazar ao entregá-los a Daniel.

- Vamos ver... Rá! Eu sabia.

- O quê?

- Olha só. Essa cabeça grande. Esses olhos enormes. Esses braços raquíticos. A pele verde. São duendes. É isso que minha irmã vê.

- E é com isso que você sonha?

- Olha... eu não sei. Mas as sombras são bem parecidas com isso aqui.

- E agora? O que você vai fazer? Você tem que contar!

- Mas vão acabar me internando! Não vão? Vão sim. E eu não quero! Eu não vou!

- Calma, Daniel! Calma. Meu pai sempre diz que não se deve “colocar a carroça na frente dos burros”. Pensa bem. Vai com calma.

- Não, tudo bem. Eu vou com calma. É mesmo Le, você vive dormindo o tempo todo. O que acontece?

- E eu é que sei? Eu só não tenho sono durante a noite. Meus pais detestam, eu já fiz de tudo, mas o sono só vem de manhã. Eu não sei nem o que fazer. É por isso que eu pego esses livros pra ler. Eu ainda vou ler aquela biblioteca inteira. Mas é o que dá pra fazer de madrugada sem incomodar ninguém.

- Puxa, que droga heim. E quando você faz a lição de casa? Você dorme na sala também que eu sei. Você só dorme!

- Quem disse que eu faço? Imagina só como todo mundo fica feliz com minhas notas.

- Rá. Que droga é ser você heim.

- E que belo amigo é você! – e os garotos riram como só garotos riem.

...

- Minha mãe está demorando – disse Eleazar.

- A minha também.

- Adultos. Sempre cheios de coisa pra fazer.

- É.

- Sabe Daniel, eu também vejo coisas estranhas. Não como você que fica tendo pesadelos. Mas eu sempre vejo coisas bizarras.

- Bizarras como?

- Sei lá. Vultos, coisas assim. – “Mas quem nunca os viu?” Pensou o garoto sem dizê-lo, e continuou – Nunca vi nada tão assustador quanto as coisas que você vê, eu acho. Pelo menos nunca até hoje. Mas sabe, uma vez eu tive um sonho estranho. No sonho, um menino vinha até a minha casa, ele era bem diferente de você, mas ele vinha me pedir ajuda. E eu pulava o muro da minha casa e ia ajudar. Aí ele me apresentava sua avó que estava numa cadeira de balanço, só que ela era apenas uma caveira bem vestida. Ele então me mostrava sua casa vazia, e pedia minha ajuda de novo. Eu lembro bem desse sonho. E ele se chamava Daniel.

- Olha, minhas avós já estão mortas. Mas minha casa não está vazia!

- Tá, a questão é que era um tal de Daniel – nesse momento Eleazar virou-se para Daniel, encarou-o e disse – eu vou te ajudar.

Naquele momento, a mãe de Daniel apareceu para buscá-lo. Seus cabelos loiros estavam um tanto desarrumados, e suas olheiras escuras ressaltavam seus olhos azuis.

...

Daniel corria, e corria, e corria, e aquele homem sem rosto ainda estava em seu encalço. As ruas estavam vazias, e não se ouviam outros sons além dos latidos dos cães ao longe e daqueles que ele mesmo fazia ao correr. Mais uma vez, a voz não saía, ele não podia gritar por socorro. Então ele corria, pelo menos dessa vez ele corria. Ali estava um beco escuro, talvez fosse seguro se esconder ali. Suas pernas queimavam e seus músculos doíam. Mal conseguia respirar, parecia ter corrido uma maratona. E ali ele ficou, encolhido naquele beco. Nada se ouvia, nem os passos, nem o vento. O silêncio era quebrado por outro latido, que não durava muito tempo. Daniel olhou para a lua que brilhava gigantesca num céu sem estrelas. Sentia frio, sempre frio. Olhou para a rua, iluminada apenas pelo brilho vermelho da lua, e então viu quando aquelas sombras começaram a se formar. Vultos, vultos por todas as partes, de homens distorcidos. Eram sombras, e sombras são distorcidas de acordo com a origem da luz. Eram vultos compridos, de membros largos e cabeça grande e alongada. Daniel fechou os olhos, e sentiu quando as mãos gélidas lhe tocaram.

Daniel abriu os olhos. Estava em seu quarto. Ainda via o mesmo brilho avermelhado em meio à imensa escuridão, e sentia o mesmo frio das outras noites, apesar do clima quente. Não sabia se estava sonhando ou se estava acordado, mas sentia-se vigiado. Não percebeu que a luz do quarto, que deixara acesa antes de dormir, estava apagada agora. Também não funcionava o rádio relógio. Não ouvia nem vozes, nem o vento. Mas ouviu gritos. Gritos desesperados e medonhos de uma mulher. Sua mãe!

Daniel venceu seu corpo mole e disparou pelo corredor em direção ao quarto da mãe.

- O que aconteceu, mãe? Está tudo bem? Você está bem?

- Calma, Daniel – disse Adão.

- Vem cá, meu filho – disse Ana enquanto estendia os braços. – Eu não queria te acordar.

- Você teve um pesadelo?

- Tive, meu filho. Vem cá, dorme aqui comigo.

- Pode ficar, Daniel – disse seu pai que se levantava naquele momento – eu vou buscar um copo de água para vocês e já volto.

- O que você sonhou, mamãe?

- Nada, meu filho. Eu amo tanto vocês!

- Eu sei, mãe, eu sei.

Daniel abraçou a mãe e ali eles ficaram contando os minutos. Adão voltou depois de um tempo, trazendo água como o prometido. Ele

Rafael Ramus

Escrito nas Sombras: Os Espíritos do Sabbath

Um livro de *Rafael Ramus*

Conheça mais em:

www.escritonassombras.com

Ou pelo Facebook:

www.facebook.com/escritonassombras

Obrigado pela visita!